

CONTO

Melancolia Efêmera

Paulo Reginaldo Costa Filho

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

paulo_costafi16@outlook.com

Ano 101 da segunda era, era esquecida, murmúrios de um passado distante, heróis esquecidos, eu deveria ter dado mais atenção às histórias daquele velho.

Marcado pelo preço da ambição e pela busca insaciável de glória, me encontro preso nesse mar de indecisão. Não posso morrer, tempo seja a vida da morte, mas não é este o fim de todos os seres? Sinto-me sozinho, morte. Presente dado a todo ser vivente, o descanso daqueles que, uma vez, respiraram, até disso tens-me negado. Ó, trindade.

Me sinto perdido; ainda não conquistei meus louros, mas estou fadigado. Não há como recuar agora, nem consigo, por minhas próprias mãos, encerrar minha trajetória. O que me resta é descansar enquanto posso. Estou cansado de combater as mesmas bestas, os mesmos escuros, os mesmos abissais. Preciso descansar, preciso descansar!

Enquanto seguia em minha caçada, encontrei um campo; colinas vão e vêm. O verde do mato rasteiro me traz memórias de casa; sinto sua falta. Uma pequena ilha, abundante em vida, boa comida, boa bebida. Campos dourados de trigo, muitos animais de criação e carne de caça à vontade. Tudo o que um bom lugar tem a oferecer.

Flores e rosas arroteavam minha casa, uma bela mulher cuidava do nosso lar como um artista retoca os detalhes em sua pintura, e pequenos brotos de gente colocavam som àquele pedaço de paraíso. Como perdi isso? Como?

Sentei-me atormentado por lembranças. Meu corpo esmoreceu. Os céus se fecharam sobre mim. O cheiro de chuva entrou por minhas narinas e, como um milagre, gotas de chuva caíram sobre minha armadura, pesada, mas resistente aos intempéries deste mundo. Não existem cavernas nem árvores ao redor. Em vão procurei abrigo.

Sinto o frio gélido da água entrar por entre as frestas da armadura. Meu corpo pede descanso. Devo ignorar esse inconveniente e deitar sobre a cama de grama e dormir, não há mais nada que posso fazer.

Após esse sono, meus olhos miram o horizonte. Tudo o que vejo é um ser majestoso, imponente, que não cuida e nem se importa com os sentimentos dos homens. Ele se esconde entre as montanhas, e, com ele, se vai a luz do mundo. Enquanto ele se esconde, a sua eterna companheira toma seu lugar, com uma luz tímida e sedutora, me convidando a andar por caminhos escuros, me prometendo direção, mas, em vez disso, me entregou incertezas e tropeços.

Me levantei. A noite traz animais peçonhentos, aranhas, cobras, escorpiões e toda sorte de criaturas, eternamente ligadas ao único propósito de testar os homens e suas maravilhas.

Sei bem que não há outro abrigo, então devo caminhar à noite. O frio é a ausência do calor, e o medo a presença da coragem, seja da minha própria ou dos seres que me



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL2713-HDBU

Recebido

14 de novembro de 2025

Aprovado

22 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

perseguem.

Enquanto sigo minha jornada, cansado e implorando por um momento de paz em meio a essa vasta imensidão de trevas, avistei formas, que para meu infortúnio eram familiares. Um ABISSAL, criatura vil. Meus olhos se apertam tentando alcançar sua silhueta. Parado permaneço, não posso morrer, mas posso sentir dor, posso ser consumido até a última parte que me compõe e, ao final retorno, mesmo que de dentro das entranhas da fera ou dos restos por ela deixados.

As lembranças de lutas passadas passam por mim. O medo é minha habilidade, a coragem, a esperança. Me deito lentamente na grama alta, rezando aos acima de mim que me livrem desta dor. Em vão rezei, em vão clamei, no silêncio das minhas palavras gritava minha súplica. Como se vindo do além, um outro som, talvez de outra besta, não tenho certeza. O cheiro da grama adentrou minhas narinas, o som dos grilos e o coaxar dos sapos acalmaram brevemente meu espírito. Os vagalumes davam vida aquela noite, como estrelas naquele céu de grama.

Sinto a grama penetrar pelas frestas da armadura, algumas machucam minha carne, outras são dobradas pelas placas de aço e pela cota de malha. Enquanto permaneço deitado, vejo as formas de uma aranha. Ela se aproxima lentamente. Penso que estava caçando naquele momento. Por um leve descuido minha mãe se agita e ela foge. O medo de ser atacado cresce, estou à mercê do natural e do sobrenatural. Durante esse breve período de tempo minha mente entrou em transe, me preservei, me senti acolhido pela escuridão e pelas folhas e pelos seres que rastejam, pensei por um momento estar seguro.

Porém, minha mente voltou a si e, com ela, a realidade que me atormentava. Do meu íntimo gritei: não! Não pode ser! Não posso passar por esse vale de ossos secos novamente. Ó, altíssimos, não me deixem ser usado como substância para tais horrendas criaturas, não me deixem ser o sustento de vida a esses demônios.

Alguns segundos se passam, as criaturas não querem retroceder. Elas parecem ter sentido meu cheiro. Não tenho como escapar e não posso me entregar à vontade desse destino. Lutar é a única coisa que posso fazer.

A primeira criatura se aproximou, com minha faca curta golpeei o pescoço da criatura abissal, seu sangue preto escorreu pelos meus dedos, provavelmente acertei alguma artéria. A outra criatura preparou um ataque, ela avançou como um touro enquanto ainda me levantava. Fui golpeado contra um pequeno morro de grama. Senti minhas costas doerem e a cabeça um pouco confusa ficou.

A criatura preparou as garras e a sua boca, uma blasfêmia contra as criaturas de Deus, proferiu urros, sons profanos que aterrorizaram minha existência naquele momento. Sem perda de tempo, puxei a espada e investi contra ela. Sua calda puxou minhas pernas e como num instante senti uma dor aguda no meu braço, ela em um ataque o retirou com sua boca, se posso chamar aquilo de boca.

Sangrando e com as forças que me restaram, desferi um golpe certo na barriga do demônio enquanto ela devorava meu membro caído. Ela gritou de agonia enquanto ainda mantinha meu braço entre seus dentes.

Por fim, me levantei enquanto olhava para os corpos das bestas mortas. Criaturas caídas, hoje triunfei contra o seu desejo, e em pé continuo minha jornada.

A manhã chega, o sol nasce entre as montanhas, e sinto-me renovado. A noite de terror

se foi, e, com ela, meus medos. Sigo em direção ao oeste, na direção do mar. Enquanto me aproximo, começo a sentir o cheio inconfundível da brisa salgada, só que, desta vez, com um toque de aroma adocicado e forte de animais e trigo plantado nas colunas acima do nível do mar. Descendo a colina, eu vejo uma estalagem, com um pequeno vilarejo ao redor.

Ao entrar no vilarejo, sinto-me acolhido, fazia muito tempo que não ouvia sons de crianças nem de outras pessoas. Escuto os mais velhos falando, comerciantes gritando, oferecendo suas ofertas de alimentos, especiarias e produtos em geral. Crianças correm quase esbarrando em mim. Por uma estrada estreita, sigo meu caminho até a estalagem.

Me sentei em uma mesa no canto, perto de um pilar de madeira. Pedi um ensopado de moluscos, carne salgada e pão, uma comida decente para uma pausa nesta longa jornada. O prato exalava um cheiro de felicidade, minha língua agradecia cada porção e meu corpo se sentia renovado.

Por um momento, pensei em ficar naquele lugar, conseguir algum trabalho, mas sei que meu ofício é matar e morrer. Sei que existem poucos dispostos a fazer esse trabalho e poucos com dons como os meus, então devo carregar esse fardo. Meu maior desafio de hoje em diante não será derrotar as feras, mas o terror que habita em meu coração.

Paulo Reginaldo Costa Filho

Engenheiro químico pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Mestre em Manejo de Solo e Água pela UFERSA e pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Lattes:
<https://lattes.cnpq.br/4380741122616489>.